MARIANA DE MORAES, NETA DE VINICIUS DE MORAES, LANÇA ÁLBUM EM QUE REINTERPRETA CANÇÕES FAMOSAS DO AVÔ

» PEDRO IBARRA

A arte torna o artista imortal. Uma vez que ela está no mundo, o sentimento de quem a fez atravessará todos que tiverem contato com este fazer artístico. Portanto, a arte é uma herança. No caso de Mariana de Moraes, ainda mais, a cantora e atriz é neta do poeta, compositor e cantor Vinicius de Moraes. Após anos de carreira, a artista decidiu mergulhar no legado que fez o avô imortal e lança Vinicius de Mariana, disco em que reinterpreta 12 canções do Poetinha.

O álbum, disponível nas plataformas de streaming, também é uma homenagem aos 110 anos que Vinicius completaria em 2023. Por esse motivo, a cantora fez um passeio pela carreira do avô, na qual encontrou as músicas que mais a movem como artista, com a ajuda do músico e amigo Guto Wirtti. Também participaram da empreitada nomes como Zé Manoel, Camila Pitanga, Mart'nália e Chico Buarque. Além de João Donato, que foi o responsável por arranjar as músicas em 2021, aos 86 anos.

Ao **Correio**, Mariana falou sobre o processo, a relação com as músicas do avô e a importância da arte de Vinicius de Moraes ser perpetuada por gerações a fio na arte brasileira.

Entrevista // Mariana de Moraes

O que te movimentou para fazer a homenagem aos 110 anos do seu avô por meio de um álbum?

O disco foi feito em 2021 em plena pandemia, não era para ser celebração dos 110 anos de Vinicius. Era hora de fazer essa homenagem, tão adiada, não por obrigação, mas porque Vinicius tem tudo a ver comigo. Amo o compositor e seus parceiros. Amo o Poeta — ele é pai de meu pai, meu avô querido. Conheço sua obra. Eu já havia lançado trabalhos mais diversos, com compositores de todos os gêneros. Então podia fazer essa homenagem ao meu avô com mais propriedade, mais vivida. Aí, o Selo Sesc topou e fizemos.

Com direito a João Donato, Guto Wirtti, Joana Queiroz, Carlinhos Sete Cordas, Robertinho Silva, amigo e parceiro mais querido, seu filho Thiago Silva e Zé Manoel, meu novo irmão de Petrolina, aqui em São Paulo, onde vivemos. São todos parceiros, amigos e artistas que admiro. Como dizia Vinicius: "A hora do sim é um descuido do não". Era hora. Não foi lançado ano passado porque, infelizmente, meu pai, Pedro de Moraes, adoeceu e partiu. Perder um pai não é brincadeira, e meu pai era um ser humano incrível.

Por que esperou tanto tempo para interpretá-lo?

No início de minha carreira como cantora, eu já era uma pessoa pública como atriz, a "neta" como costumam me chamar. Susana de Moraes, minha tia mais velha, grande conselheira, mulher de muitos saberes e incentivadora minha e de muitos artistas hoje importantes de várias gerações e décadas no Brasil e no mundo, certa vez, me disse: "Não cante seu avô até que você seja reconhecida pelo seu talento, pelo público, colegas e crítica. Seria oportunismo, mesmo que seja por puro amor e vontade de cantar". Confesso que fiquei triste com aquele conselho, porque sou apaixonada por João Gilberto e amava as músicas de meu avô por meio de João, da Gal, da Nana. Ouvi o conselho.

Meu primeiro disco chama-se *A alegria continua*, um show ao vivo que teve sucesso imediato e por isso virou disco, onde dividia com Elton Medeiros (que se tornou meu compadre) e Zé Renato, o palco e o roteiro do show, um disco de samba. A melhor homenagem que podia ter feito ao meu avô que declarava aos quatro cantos: "De todas as músicas que mais gosto, eu gosto mesmo é do samba". E nosso país tem tantos extraordinários compositores e compositoras, tão extraordinários quanto Vinicius. Mas gravei *Medo de amar* no meu segundo disco, em 2001. Nunca consegui tirar *Medo de amar* do repertório dos meus shows (música e letra de Vinicius), e também gravei outras dele em outros discos. Sabe você, música com Carlos Lyra, gravei no meu último disco lançado pela Dubas, de Ronaldo Bastos, em 2019.

Que outra vida você acha que sua voz dá para as músicas?

Sou mulher, mãe, atriz de teatro, cinema e televisão, sou pesquisadora, ativista, curiosa, contemporânea. O simples cantar uma canção, seja antiga ou nova, nesse corpo vivido de 1969 até 2023 é hoje. Cantar não apenas por ter voz bonita ou escolher a música certa. Cada instante vivido está no timbre, na interpretação. É só se dispor a sentir, estar sensível, estar na vida. Estar aqui, agora! Sou uma mulher do meu tempo, mas sei, como diz Ailton Krenak, que o futuro é ancestral. Não preciso mudar os acordes de Tom Jobim para sentir sua música e a importância dela aqui agora. Uma música feita com verdade, cuidado e sensibilidade sempre será ancestral e contemporânea. *Insensatez* (que eu queria ter gravado nesse disco em 2021) é agora, neste momento de intolerância e violência no mundo e no Brasil, de extrema importância. Tem muito a dizer sobre os insensatos que governam esse mundo, sobre a insensatez do ser humano. Para mim, muitas músicas de amor têm múltiplas interpretações. As que eu mais gosto são as que vão além do amor romântico e possessivo de um casal. A poesia tem a capacidade de ser translúcida. E as letras de Vinicius tem essa dimensão da poesia.

> **Cantar não apenas por ter voz bonita ou escolher a música certa. Cada instante vivido está no timbre, na interpretação. É só se dispor a sentir, estar sensível, estar na vida. Estar aqui agora!"**
>
> ***Mariana de Moraes,*** *cantora*

Por que você escolheu essas músicas? Como foi esse processo de curadoria?

Aprendi no teatro, com José Celso Martinez Corrêa, e em conversas com Júlio Bressane, a me relacionar com a memória ancestral e o momento presente, cosmopolítico. Tudo o que canto nesse disco ou em qualquer outro que fiz não foi baseado apenas na qualidade ou no meu gosto pessoal por determinada canção. Escolho pelo que sinto que quero e que, coletivamente, necessitamos expressar naquele momento. O momento era grave. Pandemia. Desgoverno. Escolhi fazer um disco vital, forte, alegre, seguindo as filosofias vindas das nações ancestrais e contemporâneas africanas, filosofia e prática de afirmação da vida, do luto, da luta, da tristeza e da alegria, mas sempre cantando, dançando, celebrando a vida.

Dediquei o disco a Xangô, o Obá (Rei) justo e amoroso. Que cuida dos seus. Vinicius clama por Xangô em muitas músicas. Ele também desejava um mundo justo. No início, com Guto Wirtti e Leo Pereda no violão, chegamos a 40 músicas. Vimos tudo de Vinicius, o que é muita coisa, mas sempre procurando essa vitalidade, experimentando, observando as parcerias. Escolhidas as 12 músicas, começamos a nos encontrar com João Donato e a tocar e trocar ideias sobre arranjos.

Guto Wirtti, baixista, produtor do álbum comigo, se animou e fez mais arranjos lindos. Gravamos ao vivo num grande e histórico estúdio no Rio de Janeiro, duas músicas por dia em seis dias! Essa turma linda. Foi demais. Donato fazendo arranjos na hora com seu naipe de sopros e seu piano e a bênção de termos Duda Mello, o cara mais gente boa que eu conheço e engenheiro de gravação e mixagem impecável no que faz. Éramos 12 na equipe principal. Número de Xangô. Não acredito mais no acaso. Nada é por acaso.

Esse trabalho tem o dedo do saudoso João Donato. Como é saber que esses arranjos serão póstumos? Como era sua relação com ele? Que falta ele faz?

Foi muito lindo o Donato topar, no alto dos seus 86 anos, escrever arranjos para músicas que não são dele. Vestir as músicas, como ele dizia. Ele fez isso em sua vida profissional, foi arranjador de orquestras de cordas, sopros; acompanhou cantoras, compunha, tinha seu trabalho autoral, mas também escrevia arranjos como fez para o disco *Coração*, de Alaíde Costa produzido por Milton Nascimento e para o disco Cantar, de Gal Costa, produzido por Caetano Veloso. Ele já não escrevia arranjos que não fossem para suas músicas há muito tempo. Ele era apaixonado por essas músicas do Vinicius. Sobretudo pelo *Canto do caboclo da Pedra Preta*, do disco *Afro Sambas*, parceria de Vinicius com Baden Powell. Completamente apaixonado. Foi muito massa. E quando acabava de gravar, dizia: "Não sei vocês, mas eu arrasei!" Ou: "A gente faz fresquinho, na hora, igual caldo de cana". Uma alegria tê-lo conosco. Eu sou apaixonada por João Donato desde muito pequena. Donato, Dominguinhos, João Gilberto, Billie Holiday, Gal, Nana Caymmi, Aracy de Almeida, Cartola. Não saíam da minha vitrola, eram meus amores desde a infância.

São 110 anos de Vinicius de Moraes e músicas dos anos 1960 ainda fazem muito sentido e emocionam até hoje. A que você atribui essa atemporalidade do trabalho do seu avô?

Ao fato de terem sido feitas por alguém que recebeu um dom, trabalhou sobre ele e sobre si mesmo e fez com todo amor e verdade. E, generosamente, quis compartilhar e ter parceiros amigos de todas as gerações, compartilhando conversas, músicas, amizade e fazendo coisas lindas. Jogando conversa fora. Vinicius viveu o presente intensamente. E a qualidade de sua presença no ato da criação fez dele um imortal, um mestre imaterial. Só o tempo revela um grande artista. Ninguém, hoje, com imenso sucesso pode ter certeza de que será lembrado 43 anos depois de sua morte. Isso só o tempo dirá. Mas acho que, sobretudo, fez porque era vital para ele. Ele não fez pensando em sucesso ou imortalidade. Ele fez com muito zelo, arte e amor. Um grande e generoso poeta amigo Vinicius de Moraes. Existe a chance de que novas gerações, que nem eram vivas na época do seu avô, tenham acesso a essas músicas por meio de você.

Qual a importância das histórias dele passarem de geração em geração?

Tomara. Mas não sou a única a gravar essas gerações que estão longe de nós ou ainda de corpo presente com Gilberto Gil. Eu torço para que as novas gerações que fazem música se liguem na ancestralidade. O Brasil é um país de compositores extraordinários desde sempre. Desde antes do Vinicius. Chico Buarque, Caetano, Gil, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Rosa Passos, esses nossos ídolos que ainda são contemporâneos sabem de cor os sambas, as canções, as letras que colegas criaram antes deles ao longo do século 19 e antes até. Sabem desde jovens até dos autores que não se sabia os nomes, mas continuavam na boca do povo. Conheceram profundamente o que foi produzido por Pixinguinha, por Garoto, por Noel, por Geraldo Pereira, Catulo da Paixão Cearense, Lupicínio, Cartola, Assis Valente. Aprenderam com eles. Estudaram a arte de compor através deles. Por isso são imensos, porque carregam um legado, essa riqueza do Brasil, esse mundaréu de gente de muito talento e arte. O Brasil tem milhões de pessoas geniais na música há séculos e agora. É só olhar e melhor ouvir. Eu torço para que essa geração tenha essa ligação. Esse amor por essa riqueza ancestral.

CELEBRAÇÃO DO GRANDE POETA